

MUSICOTERAPIA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Carla da Silva Menezes
Rafael Dias Ramos
Rita de Cássia Leite Côrtes
Rosseline Freitas de Araújo Batinga

RESUMO

Este artigo apresenta a musicoterapia como instrumento de ensino e aprendizagem para educação especial, destacando-se na prática alunos com síndrome de Down e autistas, mostrando que, é possível usar essa técnica em programas de educação especial, através de uma boa preparação do profissional, que deve ser capaz de planejar, adaptar e avaliar atividades de acordo com cada indivíduo. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi de extrema importância para que o tema proposto fosse analisado com toda a propriedade necessária, diante das peculiaridades do estudo. A pesquisa de campo auxiliou para confrontar as idéias dos autores com a prática dos profissionais da educação, mencionados no trabalho. A Musicoterapia ainda é um instrumento pouco utilizado pelos facilitadores da Educação Especial, por isso a análise mostra que é preciso explorar mais esse recurso principalmente por parte dos professores para assim ter resultados positivos no que diz respeito ao desenvolvimento integral dessas crianças.

Palavras-chave: Musicoterapia. Educação Especial. Ensino aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A necessidade de utilizar um instrumento capaz de contribuir para melhoria da qualidade na aprendizagem dos alunos com necessidades especiais é um dos focos de atenção no curso de Pedagogia. Partindo deste pressuposto, o trabalho lúdico especialmente com a música, passa a ser utilizado e analisado nos trabalhos da graduação. A intenção de estudar este tema surgiu das experiências obtidas ao longo da graduação, sobretudo, com as oficinas pedagógicas, que despertaram um olhar mais profundo sobre a utilidade da música em sala de aula, para assim, utilizar este instrumento com mais propriedade.

Este estudo mostra que é possível usar a musicoterapia em programas de educação especial, através de uma boa preparação do profissional, que deve ser capaz de planejar, adaptar e avaliar atividades e procedimentos de acordo com cada indivíduo. A música quando bem trabalhada, desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar esta tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

O presente artigo tem como objetivo comprovar que com a musicoterapia, as crianças com necessidades especiais, podem desenvolver suas aptidões cognitivas, como também, mostrar que o professor pode utilizar a musicoterapia, como instrumento que facilite a sua atuação com crianças especiais, promovendo através da música uma aprendizagem mais significativa.

Para Joly (2003, p.81) “[...] com um programa de educação musical bem estruturado e com objetivos bem definidos é possível promover o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo das crianças com necessidades especiais.”

A musicoterapia é uma técnica terapêutica que auxilia no desenvolvimento comportamental e cognitivo dos alunos com necessidades especiais. Parafraseando Haidt (2003) as didáticas de ensino apontam como meios metodológicos os recursos audiovisuais, que devem ser de uso funcional, ou seja, devem subsidiar meios que possibilitam de forma dinâmica o pensamento reflexivo do aluno. Deve ser levado em conta também, o tipo de aprendizagem que se deseja desenvolver seja ela cognitiva afetiva ou psicomotora.

As canções e ritmos auxiliam na harmonia entre o corpo e a mente, sem contar que a música torna o ambiente de ensino, propício ao desenvolvimento de atividades estimulem e despertem emoções, reações, sensações e sentimentos.

As atividades com música, permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro.

Para o desenvolvimento deste trabalho, o método de investigação utilizado inicialmente foi a pesquisa bibliográfica, que para Köshe (2003, p. 12)

[...] O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

Concretizando os dados, a análise pautou-se ainda em uma pesquisa de campo, para assim, ter informações mais contundentes sobre o tema e analisar os dados com propriedade de forma a enriquecer a pesquisa.

Uma das instituições analisadas foi a Escola Caminho do Saber, localizada à Rua Propriá 597, bairro Getúlio Vargas. É uma escola da rede particular que trabalha a inclusão social e educacional, atendendo crianças com deficiência e também as ditas normais com idade a partir de um ano e nove meses, funcionando apenas no turno matutino. Em seu quadro de funcionários, a instituição de ensino possui dezessete pessoas, sendo, doze professores e cinco trabalhando na parte administrativa. O corpo discente contém setenta e cinco alunos em média. A escola funciona com seis salas de aula, tendo no máximo quinze alunos e dois professores em cada uma delas, um pátio para recreação, lanchonete e oferece para os alunos, aula de natação e educação física e insere em sua metodologia a música como um instrumento facilitador nas atividades de classe.

Outra instituição que serviu de análise foi a Associação Sergipana de Equoterapia (ASE). É uma instituição filantrópica, que tem como objetivo reabilitar pessoas portadoras de deficiências físicas, sensoriais e mentais, auxiliando no desenvolvimento biopsicomotor e social do paciente. Atende sessenta e cinco crianças com necessidades especiais, incluindo crianças com a síndrome de Down e autismo. Está localizado no Parque Governador José Rollemberg Leite, na Rua Fortaleza, s/n Bairro Industrial, contendo em seu quadro de funcionários Pedagogos,

especialistas em Arte-educação, Psicólogos e Psicopedagogos que durante suas atividades, utilizam a música como uma maneira de ajudar na terapia feita com cavalos e relaxar o ambiente.

Macedo (s/d) cita que os objetivos principais da musicoterapia como instrumento metodológico, estão relacionados diretamente ao desenvolvimento da aprendizagem de cada indivíduo que apresente algum distúrbio, seja ele mental ou físico, são estes: melhorar a comunicação verbal e não verbal, melhorar a auto-estima, explorar as potencialidades e a aceitação de limites, estimular a coordenação motora e rítmica através de vivências musicais, melhorar a concentração e atenção, promover a socialização e estimular a criatividade.

A musicoterapia pode ter resultados eficazes na Educação Especial no que diz respeito à formação pessoal, intelectual, na inclusão social de cada pessoa portadora dessas necessidades e em possíveis desenvolvimentos cognitivos para um avanço na aprendizagem desses alunos. No entanto, o profissional de educação precisa estar inteirado para poder atuar competentemente com estes que tanto necessitam de um olhar mais especial.

MUSICOTERAPIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

A Musicoterapia iniciou-se no período da II Guerra, perante a experiência positiva com os veteranos, o que aumentou a necessidade de se aprofundar conhecimentos e profissionalizar-se. E assim, fundou-se em 1944, o primeiro programa de Musicoterapia do mundo, na Universidade Estatal do Michigan, nos Estados Unidos. Daí em diante, as discussões sobre esta área continuaram aprofundando-se para assim, utilizar esta terapia como um instrumento capaz de auxiliar qualquer profissional.

Em 1998 foi criada a Associação Americana de Musicoterapia, que tem por missão o desenvolvimento progressivo do uso terapêutico da música na reabilitação, na educação especial e em situações variadas de grupo ou comunidade.

Esta instituição definiu a Musicoterapia como a aplicação científica da música para atingir objetivos terapêuticos. Mas, atualmente, a definição é bem mais ampla e a Musicoterapia é considerada uma disciplina do campo de medicina que estuda e utiliza o movimento e o fenômeno acústico, seja este musical ou não,

audível ou inaudível (fenômenos vibratórios), com objetivos profiláticos, de diagnóstico, de reabilitação e de tratamento terapêutico.

Em seus estudos Murakami (s/d) define a musicoterapia da seguinte maneira:

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um paciente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. (p. 1)

Dentro da Pedagogia, a Musicoterapia pode ser utilizada na Educação Especial, para facilitar a aprendizagem dos alunos com essas necessidades e aos professores que lecionam para essa clientela, pois, a utilização das canções, torna o aprendizado mais eficaz e prende a atenção dos alunos, facilitando o papel do mestre em sala de aula.

A Musicoterapia tem inúmeras aplicações em relação ao tratamento de crianças especiais, entre elas síndromes genéticas como Down, autismo, distúrbios neurológicos, déficits de atenção e concentração, deficiências sensoriais, visuais e auditivas, entre outras.

De acordo com Wilhems citado por Gainza (1988, p. 36),

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

As atividades de musicalização, também favorecem a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais. Pelo seu caráter lúdico e de livre expressão, não apresentam pressões nem cobranças de resultados, são uma forma de aliviar e relaxar a criança, auxiliando na desinibição, contribuindo para o envolvimento social, despertando noções de respeito e consideração pelo outro, e abrindo espaço para outras aprendizagens.

Sobre as pessoas com necessidades especiais, Macedo (2004) aborda que ao longo da história, as pessoas que tinham anomalias genéticas, eram percebidas

e atendidas de forma igualitária no meio da educação e na sociedade de forma geral e intimamente relacionada aos valores morais, sociais, filosóficos, éticos ou religiosos de cada época.

Os autores expressam que as pessoas consideradas “especiais”, eram inseridas na educação de forma igualitária no que diz respeito à forma de educar, mas, sabe-se que estas pessoas precisam de uma atenção mais particular e atenciosa para que as evoluções cognitivas, motoras e sócio-afetivas sejam alcançadas. Usar a música como recurso motivador, contribui com uma série de necessidades das crianças como na aceitação do grupo, na expressão da criatividade, podendo atingir objetivos que por outros meios dificilmente seriam alcançados.

Weigel (1988), afirma que a música atua de forma eficaz no desenvolvimento das crianças, pois, no desenvolvimento cognitivo quanto maiores forem os estímulos que elas, recebam melhor será seu desenvolvimento intelectual, pois, as experiências rítmicas musicais, podem permitir uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando), favorecendo o desenvolvimento dos sentidos. Com atividades musicais, inúmeras oportunidades são oferecidas para que o desenvolvimento psicomotor seja aprimorado, aprendendo assim, a controlar seus músculos e mover-se com desenvoltura, porque o ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso, isto porque toda expressão musical ativa age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões. Estes aspectos favorecidos pela musicoterapia promovem integração, desenvolvimento da socialização, estímulo da compreensão, da participação e da cooperação.

A MUSICOTERAPIA E A SÍNDROME DE DOWN

Distúrbio genético causado pela presença de um cromossomo 21, Síndrome de Down ou Trissomia 21, recebe esse nome em homenagem a John Langdon Down, médico britânico que descreveu a Síndrome em 1862. Porém, a sua causa genética foi descoberta em 1958, pelo professor Jérôme Lejune. A Síndrome de Down não é uma doença, mas sim uma alteração genética. As principais

características são: retardamento mental, baixa estatura, perfil achatado, mãos grossas e curtas, língua sulcada e protusa (para fora da boca).

Por serem consideradas pessoas doentes, durante muito tempo crianças com Síndrome de Down foram excluídas da sociedade e privadas de se desenvolverem cognitivamente. Ao observar estas crianças, é perceptível que seu desenvolvimento é mais lento do que uma criança dita “normal”, porém, apesar de serem mais dependentes, estas crianças estarão também trilhando no seu cotidiano, ainda que mais devagar comparados a uma criança com desenvolvimento normal, as diversas fases e etapas do seu desenvolvimento.

Pelo fato do amadurecimento em seu sistema nervoso central ser constante Lefèvre (1981, p. 17) relata que:

esta criança se desenvolverá diariamente e, mesmo que este caminhar seja bem mais vagaroso, evoluirá patentemente em inteligência e habilidades até a idade adulta. Apesar de o desenvolvimento lento ser comum em todas as crianças Down, existem diferenças marcantes entre elas: cada uma terá suas graças, seu jeito de ser, de brincar, de se comunicar e também o seu tempo de aprendizado, ficando a nosso encargo perceber a hora e a forma mais carinhosa de nos aproximarmos dela.

O melhor momento para se iniciar a estimulação com o portador desta síndrome é logo após o nascimento, pois, segundo Lefèvre (1981), as mães das crianças com esta anomalia lamentam não terem sido encaminhadas desde cedo para um tratamento com musicoterapia, culpando-se que o tempo perdido nunca mais será recuperado.

Com isso, nota-se que é imprescindível a presença da mãe neste processo, pois, deste modo favorecerá a terapia, sendo que a criança será conduzida pelo terapeuta e apoiada pela família que com certeza, muito ajudará para que atinja os objetivos traçados com mais segurança.

Augusto (2003), afirma em seus relatos, que os estímulos das funções sensoriais, certamente facilitarão a compreensão pelas crianças do que ocorre ao seu redor. Sendo assim, a musicoterapia auxilia no desenvolvimento de estímulos, tais como:

- Auditivo - tem o objetivo de fazer a criança virar a cabeça para o lado de onde vem o som e com a introdução de sons diferentes estaremos suscitando sua atenção.

- Linguístico - tem o objetivo de estimular a fala, lembrando aos pais que esse processo pode ser lento e não significa que a estimulação esteja sendo ineficaz, considerando o fato de que cada indivíduo tem seu desenvolvimento particular.

Existem casos de crianças com tendência a deixar a língua para fora da boca (protusa), para retificar esse quadro são utilizados exercícios de preferência sem ansiedade, para que a criança não perceba que a língua para fora significa olhares e atenção para ela.

- Motor - tem o objetivo de fazer a criança se movimentar, trabalhar o corpo sentindo sua postura e equilíbrio, movimentando todos os seus membros.

Sabendo que a musicoterapia atua diretamente no desenvolvimento corporal, o professor pode se utilizar desse recurso em sala de aula, para assim, atingir com mais facilidade e eficácia o objetivo da aprendizagem com os alunos portadores da Síndrome de Down, porque de acordo com Lefèvre (1981, p.96) “Devemos lembrar que o nosso corpo, nas suas relações com o espaço e com os objetos vai proporcionar as condições para o aprendizado da leitura e da escrita”.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. (BRASIL, 1997, p.77)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam que, a utilização da música deve permitir ao aluno possa ir além do âmbito escolar, para contribuir na sua formação cidadã, de todos que o rodeiam e que a contribuição dele seja levada em consideração e concretizar a teoria de que a música contribui para a sua formação integral.

Segundo as professoras Maria Ivanilde Araújo Pitanga e Maria Ivoneide Araújo, pedagogas da Escola Caminho do Saber, na classe em que elas lecionam contém dois alunos com Down, um com 7anos e outro com oito anos. Elas relatam que se utilizam da música para reforçar o conteúdo passado, como forma de

interação com a turma e percebem que com o Down em especial a aceitação é muito boa, facilitando assim, o desenvolvimento geral das crianças, que segundo o escrito de Uricoechea (1997), é gratificante reconhecer que a música como estímulo, usado no momento certo e adequado, é capaz de quebrar o paradigma de que estas pessoas ditas como “especiais” são incapazes, tornando-as livres deste estigma da deficiência mental. Por ser uma Escola inclusiva, a Caminho do Saber confirma cada vez mais a tese de que estas crianças podem ter um bom desenvolvimento e em contato com outras crianças tidas como “normais”, isso fica muito mais fácil de acontecer. A música facilita muito o trabalho do profissional da Educação, pois ela cria um clima aconchegante no ambiente da sala de aula, fazendo com que os alunos se interajam entre si e com os mestres, e, é um instrumento a mais para o professor, contando que ele pode se utilizar dela para fixar os conteúdos.

Pueschel (2005, p. 181), nos explica que:

Se a escola utiliza uma abordagem educacional visando à humanização do processo de ensino, se ela vê cada aluno como uma pessoa com integridade individual, se expõe o aluno a forças que contribuirão para sua auto-realização num sentido amplo, daí, então o indivíduo com síndrome de Down terá oportunidade de se desenvolver plenamente neste contexto educacional.

Em seus escritos, o autor afirma que a escola tem o papel fundamental na inclusão social dessas crianças, na valorização de suas potencialidades e aptidões intelectuais. É o caso de uma das alunas da professora Viviany Nascimento Viana Almeida (pedagoga) da Escola Caminho do Saber, que ao nos relatar o nível cognitivo de sua aluna com Down, equiparou com o das outras crianças que não tem deficiência, pois, a aluna acompanha os assuntos com dedicação e tem um ótimo aproveitamento.

Na proporção em que a criança Down desenvolva a comunicação, a motricidade e a integração em um grupo, poderá frequentar uma escola, onde a presença de crianças “normais” será de grande benefício auxiliando no seu desenvolvimento. Por sua vez, o professor tem o papel de desfazer os preconceitos das famílias, esclarecendo aos seus alunos que a presença dessa criança com desenvolvimento mais lento no aprendizado, não apresenta prejuízos no desenvolvimento da aprendizagem.

A professora Viviany Nascimento Viana Almeida, que leciona em uma turma de 4º ano, com 15 alunos onde destes cinco tem Síndrome de Down, relata que utiliza as canções como forma de socialização da turma e fixação dos assuntos, pois com as crianças que possuem a Síndrome de Down que estão em sua turma a música é bastante usada como estímulo corporal.

Pesquisas comprovaram que há um déficit de “memória visual” na criança Down, pois, ela tem mais dificuldade para guardar imagens vistas do que uma série de palavras ouvidas. A atenção e memória visual constituem a capacidade de reter informações recebidas pela visão. Como a criança Down tem dificuldades relacionadas a essa habilidade, há necessidade de exercícios para que guarde, lembre e reconheça mais prontamente o que já foi visto.

Para o estímulo da “atenção auditiva” podemos usar jogos, pois, essas atividades melhoram a concentração no som repetido. Junto ao trabalho de esquema corporal, deve ser introduzido o ritmo de uma forma bem atraente, o que auxiliará a memória e a atenção da criança. Pode-se, por exemplo, variar o ritmo, usando batidas fortes e fracas, rápidas e lentas no tambor, para que a criança marche devagar ou depressa; com outro tambor, ela pode ainda, imitar o ritmo das batidas.

As canções infantis, por sua simplicidade, devem ser usadas, em andamento lento, com as palavras bem articuladas, para que sejam bem compreendidas. Este tipo de música geralmente atrai as crianças, estimulando a sua atenção e sua discriminação auditiva.

Percebe-se diante do exposto, que a musicoterapia no trabalho pedagógico com crianças com Down tem uma contribuição muito eficaz para o desenvolvimento destes alunos. Contudo, este instrumento precisa ser mais disseminando no meio educacional, para assim, os profissionais da Educação Especial, aproveitarem em suas práticas docentes este instrumento tão eficiente.

A MUSICOTERAPIA E AS CRIANÇAS AUTISTAS

A palavra “autismo” foi criada por Eugene Bleuler 1911, para descrever um sintoma da esquizofrenia, que definiu como sendo uma “fuga da realidade”. Kanner

e Asperger, usaram a palavra para dar nome aos sintomas que observam em seus pacientes.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento humano que se manifesta durante toda a vida. É definido por um quadro comportamental peculiar, que envolve sempre as áreas de interação social, da linguagem comunicativa e do comportamento, em graus variáveis de severidade. O autismo é encontrado em todo o mundo e em famílias de todas as etnias e classes sociais, sendo mais comum em meninos que em meninas. As principais características são: dificuldade em estabelecer contato com os olhos, parece surda, apesar de não ser, age como se não tomasse conhecimento do que acontece com os outros, cheira, morde ou lambe roupas e brinquedos, por vezes ataca e fere outras pessoas mesmo não existindo motivo para isso, apresenta certos gestos repetitivos e imotivados como balançar as mãos ou balançar-se, entre outros.

O autismo infantil suscita um interesse imenso, em boa parte, sem dúvida, em decorrência da fascinação que inspiram essa doença e seu mistério, e em grande parte, devido aos importantes movimentos de associação de familiares. Estes lutam pelos tratamentos que lhes parecem os melhores, mas, também para mobilizar o poder público de modo que atenuem a carência, ou mesmo a penúria, de estabelecimentos especializados. (AMY, 2001, p. 26).

Atualmente, embora o autismo seja bem mais conhecido, ele ainda surpreende pela diversidade de características que pode apresentar e pelo fato de, na maioria das vezes, a criança autista ter uma aparência bastante normal. Segundo a pedagoga Danilla Alves Lírio, que atua na Associação Sergipana de Equoterapia (ASE), muitos pais não aceitam a deficiência do filho, principalmente do autista, pois, aparentemente é uma criança normal, são vários tipos de autistas e cada um com sua peculiaridade. É comum pais relatarem que a criança passou por um período de normalidade anterior à manifestação dos sintomas. Ela ainda afirma que a equoterapia é feita em conjunto com a música, pois os pacientes, principalmente os autistas, exigem que durante a equitação, seja colocada a canção de agrado deles, para assim o ambiente ficar mais aconchegante e prazeroso.

Marins (s/d) afirma, que durante o percurso da equitação, os jogos e músicas utilizados dentro do ambiente terapêutico, o potencial e o espaço do paciente são

descobertos devido ao gama de informações transmitido pelo animal durante a terapia.

O autor nos mostra que, mesmo sendo uma terapia feita com a utilização dos cavalos, quando unida à música, tem resultados satisfatórios e contundentes no que diz respeito à recuperação dos pacientes.

De acordo com Viviany Nascimento Viana Almeida (Professora da Caminho do Saber), as habilidades sociais e extensão variada das crianças autistas, podem se desenvolver ao longo dos anos. Alguns permanecem indiferentes, não entendendo muito bem o que se passa na vida social. Elas se comportam como se as outras pessoas não existissem, olham através delas como se não estivessem lá e não reagem a alguém que fale com elas ou as chame pelo nome. Frequentemente, suas faces mostram muito pouco de suas emoções, exceto se estiverem muito bravas ou agitadas.

Com base nos escritos de Smith (s/d), quando aplicada em autistas a musicoterapia tem resultados positivos, pois, para haver uma comunicação significativa com os portadores deste transtorno neurológico a música é uma ponte eficiente.

Os dados colhidos nas turmas do 1º e 4º anos, da Escola Caminho do Saber mostram que a música é positiva, apesar de que o autista associa a música ao toque e não à letra. Na classe do 4º ano pode-se notar que a professora não utiliza a música para passar um conteúdo, porém não descarta que as canções ajudam a relacionar os temas propostos. Já na turma do 1º ano, a professora utiliza a música em todas as suas atividades, destacando que existe uma dificuldade de aceitação por conta dos autistas, que em sua maioria não participam das atividades com música, por conta da sua dificuldade de socialização.

É notório que a musicoterapia é de grande valia para ajudar no desenvolvimento desse quadro genético, que se manifesta ao longo da vida e que em muitos casos causa certa decepção aos familiares, pois, aparentemente as crianças autistas são normais. Portanto, é preciso explorar a Musicoterapia nas atividades pedagógicas, para assim, obtermos resultados positivos no que diz respeito ao desenvolvimento integral dessas crianças. Pais e professores podem intergrar-se neste ideal, transformando a vida, os momentos e a aprendizagem muito mais significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados colhidos para elaboração do presente artigo, percebeu-se que a musicoterapia como instrumento de ensino e aprendizagem, facilita aos professores, desenvolver habilidades e atividades com os alunos especiais.

Observou-se que, quando trabalhada a música em sala de aula, a criança pode assimilar e associar mais rápido o conteúdo que a ela se pretende transmitir, facilitando a sua aprendizagem, pois, a música é uma ferramenta de aquisição da linguagem verbal.

Pode-se afirmar que as teorias mencionadas no decorrer do artigo não são em sua totalidade utilizadas na prática, a começar pela falta do musicoterapeuta nas instituições onde são atendidas as crianças Down e Autistas, ficando todo este trabalho a cargo do pedagogo, contudo, a musicoterapia é e pode ser cada vez mais utilizada como instrumento que favorece a aprendizagem e socialização das crianças.

Investigar a utilização da música em atividades pedagógicas para crianças com necessidades especiais, significa dizer que a musicoterapia possibilita a integração social, tendo em vista também que a mesma é um meio natural para estabelecer contato, interação e comunicação.

REFERÊNCIAS

AMY, Maria Dominique. **Enfrentando o autismo**: a criança autista, seus pais e a relação terapêutica. Tradução: Sérgio Tolipan. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

AUGUSTO, Maria Ines Couto. **As possibilidades de estimulação de portadores da síndrome de down em musicoterapia**. Monografia do curso de graduação em musicoterapia. Conservatório Brasileiro de Música. Centro Universitário. Rio de Janeiro: 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

JOLY, I.Z.L. Música e educação especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduo. **Revista do Centro de Educação da UFSM**. Santa Maria, v.28, nº02, , 2003 p.79.

KÖSHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LEFÈVRE, Beatriz Helena. **Mongolismo**: orientação para famílias. São Paulo: Almed, 1981.

MACEDO, B.C.; MARTINS, L.A.R. Visão das mães sobre o processo educativo dos filhos com Síndrome de Down. **Revista Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n.23, 2004,p 143-159.

MACEDO, Sabrina de Souza. **Musicoterapia com crianças especiais**. Disponível em: [HTTP://musicoterapia-saopaulo.blogspot.com.html](http://musicoterapia-saopaulo.blogspot.com.html). Acesso em 13 nov. 2009.

MARINS, Beatriz Berro. Hipoterapia para deficiência mental e autismo. Disponível em: <<http://indianapolis.com.br/si/site/1103>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

MURAKAMI, Cláudia Drezza. **O que é musicoterapia?** Disponível em: <http://www.musicaeadoracao.com.br/efeitos/que_e_musicoterapia.html> Acesso em: 12 fev. 2009.

PUESCHEL, Siegfried M. (org.). **Síndrome de donw**: guia para pais e educadores. 9. ed. Tradução Lucia Helena Reily. São Paulo: Papyrus, 2005.

SMITH, Maristela Pires da Cruz. **Autismo e musicoterapia**. Disponível em: <<http://www.andecomfe.com/blog>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

URICOECHEA, A.S. Construindo sons e suas ressonâncias: uma ampliação do “setting” musicoterápico, **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: UBAM, ano II, nº 3, 1997, pp. 35-40.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves. **Brincando de música**: Experiências com sons, ritmos, música e movimentos na pré-escola. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

PEDAGOGOS ENTREVISTADOS

Danilla Alves Lírio. Pedagoga da Associação Sergipana de Equoterapia (ASE). Data de entrevista: 18/03/2010.

Ivanilde Araújo Pitanga. Pedagoga da Escola Caminho do Saber. Data de entrevista: 15/04/2010.

Maria Ivoneide Araújo Alcântra. Pedagoga da Escola Caminho do Saber. Data de entrevista: 15/04/2010.

Viviany Nascimento Viana Almeida. Pedagoga da Escola Caminho do Saber. Data de entrevista: 15/04/2010.